

Artigo

Quando a ficção se põe a serviço do inesquecível: Uma leitura do conto Troca de Olhares, de Christa Wolf

When Fiction Serves the Unforgettable: A Reading of Christa Wolf's Blickwechsel

Conceição de Maria Corrêa Feitosa¹ 

¹Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

RESUMO

Christa Wolf relata, de forma ficcional, os acontecimentos históricos ocorridos no final da Segunda Guerra Mundial, na Alemanha, momento esse que também faz parte de um dos períodos mais tenebrosos da história recente da humanidade. A escritora não só conta sua própria história, por um processo autorreflexivo, como explica que os acontecimentos, os fatos históricos, as personagens envolvidas, as falas, as cenas, o tempo e, até os próprios sentimentos, foram resgatados da memória de forma imperfeita, após decorridos 25 anos e que, exatamente nesse processo de recordar, de ressignificar, os fatos são colocados sob um outro ponto de vista, não mais na perspectiva de quando aconteceram. Ao construir essa narrativa, por meio do imaginário, da ficção, a escritora permite a nós leitores, entrever uma escrita responsável, nessa construção da memória do horrível.

Palavras-chave: Ficção; Memória; Perspectiva; Nazismo

ABSTRACT

Christa Wolf fictionally recounts the historical events that occurred at the end of the Second World War in Germany, a moment that is also part of one of the darkest periods in the recent history of humanity. The writer not only tells her own story through a self-reflective process but also explains that the events, the historical facts, the characters involved, the lines, the scenes, the time, and even the feelings themselves were imperfectly rescued from memory after 25 years, and in this process of remembering and giving new meaning, the facts are placed from another point of view, no longer from the perspective of when they happened. By constructing this narrative, through imagery and fiction, the writer allows us readers to glimpse responsible writing in this construction of the memory of the horrible.

Keywords: Fiction; Memory; Perspective; Nazism

1 ENTRE O LEMBRAR E O NARRAR: A FICÇÃO COMO MEMÓRIA DO HORRÍVEL

Primeiro, desapareceram mesmo os vaga-lumes? Desapareceram todos? Emitem ainda - mas de onde? - seus maravilhosos sinais intermitentes? Procuram-se ainda em algum lugar, falam-se, amam-se apesar de tudo, apesar do todo da máquina, apesar da escuridão da noite, apesar dos projetores ferozes?
(Didi-Huberman, 2011, p. 47)

“Esqueci o que minha avó vestia quando a palavra Ásia voltou a pô-la sobre as pernas...” (Wolf, 2004, p. 302), assim começa o conto Troca de Olhares (*Blickwechsel*), de Christa Wolf, publicado em 1970. A narrativa é um relato, em tom autobiográfico, dos fatos ocorridos na adolescência da autora durante o fim da Segunda Guerra Mundial, marcando com essa publicação a sua primeira tentativa de escrever sobre esse período de sua vida. Wolf, que nasceu em 1929 na região alemã que hoje corresponde à Polônia, viveu toda sua infância e adolescência influenciada pela ideologia nazista, tinha apenas 9 anos de idade quando Hitler assumiu a liderança do Partido Nazista tornando-se ditador da Alemanha.

Traduzido para o português, por Marcelo Backs, para a coletânea Escombros e Caprichos – O Melhor do Conto Alemão no Século 20 (1996), Troca de olhares é uma narrativa memorialística, construída em primeira pessoa, onde a escritora não só conta sua própria história, por um processo autorreflexivo, como explica que os acontecimentos, os fatos históricos, as personagens envolvidas, as falas, as cenas, o tempo e os próprios sentimentos foram resgatados da memória de forma imperfeita após decorridos tantos anos e que, exatamente nesse processo de recordar, de ressignificar, os fatos são colocados sob um outro ponto de vista, não mais na perspectiva de quando aconteceram, até mesmo porque o ato de lembrar/recordar é um exercício de autoconhecimento, onde o eu do discurso memorialístico guarda sempre um sentido plural, e talvez por isso a narrativa

que se diz autobiográfica não é uma ação “do si consciente, mas obra secreta da lembrança – que de fato é a capacidade de infinitas interpelações naquilo que foi” (Gagnebin, 1994, p. 84).

Os fatos ocorridos e retratados, em Troca de olhares, não mais são percebidos, sentidos, narrados, tal como eles efetivamente se produziram. Nesse entendimento, podemos discorrer sobre essa escrita confessional, memorialística, perspectivando compreender se essa reconstrução permite a nós leitores, entrever uma escrita responsável nessa construção da memória do horrível, uma vez que a autora, ao escrever sobre esse momento de sua vida, momento esse que também faz parte de um dos períodos mais tenebrosos da história recente da humanidade, prefere fazer em tom ficcional.

A ficção desempenha um papel crucial na construção e preservação da memória de eventos traumáticos, pois ao reconfigurar o tempo e a própria memória dos fatos vivenciados, ela (a ficção) reflete sobre o passado permitindo questionar e reinterpretar a história ali contida. A memória não é apenas um repositório de eventos passados, mas uma construção ativa e interpretativa que vai se moldando ao longo do tempo, interagindo com as diversas camadas que permitiram sua construção.

E aqui valem algumas considerações sobre memória que, no desdobrar-se em presente/passado, conjuga dois movimentos temporais: memória e rememoração. No primeiro (memória), pode-se dizer, há um brotar, um souvenir natural das lembranças; a memória que, em suas reminiscências do passado, como que nos invade, por um fluir involuntário. No segundo (rememoração), já se verifica um esforço consciente, um reativar da memória, para que esta permaneça sempre viva. Tudo se nos parecendo em consonância com os postulados de Bergson (1999), ao admitir duas formas de sobrevivência do passado: a memória voluntária (adquirida pelo hábito, pela repetição de um esforço, uma mesma ação, na força de mecanismos motores) e a memória involuntária (manifesta em lembranças espontâneas, independentes da nossa vontade).

Halbwachs, ao discorrer sobre memória individual e memória coletiva, defende que: “para se lembrar precisa-se dos outros” (Halbwachs, 1990, p. 57), acrescentando que não só a memória que é a nossa “não pode de modo algum ser derivada desta, como também a ordem da derivação é inversa” (Ibid idem, p. 58). Para Ricoeur (2007), é partindo de uma análise sutil da experiência individual de pertença a um grupo, e na base do ensino recebido dos outros, que a memória individual toma posse de si mesma. E a literatura, na sua função narrativa, “pertence à memória como a memória a ela pertence” (Souza, 2018, p. 77).

Troca de olhares é um testemunho literário que resgata da memória, em um momento presente, as lembranças do passado, conjugando dois tempos (presente e passado), onde os sentimentos e os olhares, para aqueles acontecimentos distantes, são colocados por uma personagem que traz em si duas mulheres, a adulta que reflete e ressignifica os fatos já vividos, e a criança/adolescente que vive e sente o tempo decorrendo. A literatura possibilita essa construção, ela é uma:

...espécie extremamente peculiar de memória materializada, e testemunha por si só a presença de sentido que a si mesma porta. A literatura é memória do presente – não no sentido de um legado que se dirija às gerações futuras, ou seja, um testemunho do presente (embora essa dimensão seja igualmente significativa e meritória), mas no sentido de que traz ao presente sua presença mesma – sua presença mais profunda, abscondita, negatizada pelo roldão do ‘progresso’, num ato ético profundamente temerário de recolher os cacos do já acontecido e os disponibilizar, como forma e estilo na fidelidade ao seu conteúdo e à singularidade, ao encontro e à autorrevelação da contemporaneidade. Para a literatura, como para tantas ciências e sabedorias, deve-se dizer com Franz Rosenzweig: “Zeit ist’s” – “o tempo certo está aí” – e esse tempo certo, no que aqui se trata, é o momento em que a memória, narrada, se desdobra ao presente como obra e ocupa nele o lugar que é eticamente o seu. Isso significa, ao narrar o minúsculo como o maiúsculo, escrever, sempre novamente, o grande livro do mundo (Souza, 2018, p. 78).

O contexto histórico, apresentado em Troca de olhares, situa a personagem-narradora recordando, depois de passados 25 anos, suas impressões e sentimentos, de quando ainda adolescente, dos meses finais da Segunda Guerra Mundial, exatamente no instante em que as tropas aliadas ocupam a Alemanha. O conto é dividido em três partes, onde a autora não só narra, como descreve as cenas para situar os diversos momentos de sua história. O relato começa quando a personagem-narradora e a família são expulsas do esconderijo antiaéreo e fogem temendo caírem nas mãos das hordas asiáticas:

[...]Alguém havia aberto a porta do abrigo antiaéreo com um empurrão na claridade do triângulo de sol da entrada havia, distantes três passos das botas bamboleantes de minha avó, um par de coturnos altos e negros, nos quais estava enfiado um oficial da SS, que registrara em seu cérebro louro cada uma das palavras que minha avó havia dito durante o longo alarme antiaéreo: não, não, daqui vocês não vão conseguir me tirar, acabem comigo logo, não se perderá nada com uma mulher velha como eu... O quê? Disse o oficial da SS. Cansada da vida? A senhora quer cair nas mãos dessas hordas asiáticas? Ora parece que não sabe que os russos cortam os seios de todas as mulheres que encontram! (Wolf, 2004, p. 317).

A família constituída por avós, pais, tios e irmão da personagem-narradora deixa o abrigo em uma carroça e vai para o Oeste. No caminho juntam-se a outro grupo para continuarem a fuga:

O Sr. Volk, que é o proprietário disso aqui, na verdade quer se mandar levando todas as tralhas, mas não tem ninguém para conduzir a carroça com os sacos de ração animal?... Eu posso, disse meu tio, e nisso ficou, ainda que minha tia quisesse lhe enfiar nos ouvidos que bois são animais perigosos e que não deveria dar sua pele para ajudar àquelas pessoas estranhas. Eu nos vi saindo da estrada, Tateando na escuridão por estradas vicinais para enfim dar de cara com uma avenida que nos levou a um portão, a uma propriedade afastada [...]. Então minha tia viu que eram pessoas finas [...]. Foi quando se ouviram tiros atrás de nós, bem perto, nós demos no pé o mais rápido possível (Ibid, idem, p. 305).

A segunda parte da narrativa retoma o tempo presente ao da escrita. Demonstrando, mais uma vez, as dificuldades em lembrar com exatidão os fatos acontecidos há mais de 25 anos, revelando com isso que, nessas tentativas, as recordações podem vir por outros motivos e sentimentos:

Querem que seja noticiado acerca da libertação, eu pensei comigo: nada mais fácil do que isso. Em todos esses anos, essa hora sempre esteve gravada fundo em frente de meus olhos, está prontinha em minha memória e se não houve motivos para fuxicar nela até hoje, então foi porque 25 anos conseguiram apagar ou pelo menos enfraquecer esses motivos (Ibid, idem, p. 306).

A narrativa segue com os fatos que sucedem à saída da família do abrigo antiaéreo até a fuga para pedirem ajuda aos americanos, em Schwerin; a notícia da morte do Führer; os documentos nazistas que são jogados na estrada; o momento em que encontram as primeiras pessoas que fugiram dos campos de concentração e termina com o desabafo:

Eu não tinha vontade de ser libertada. Estava deitada debaixo de minha árvore e tudo estava em silêncio. A perdição tomara conta de mim e pensei que queria guardar para sempre na memória a galharia da árvore em frente ao belo céu de maio. Então veio meu sargento comprido subindo pela encosta depois de cumpridas as obrigações e em cada um de seus braços havia se pendurado uma mocinha alemã a guinchar. Todos os três foram em direção aos casarões e enfim eu tinha motivo para me virar um pouco e chorar (Ibid, idem, p. 312).

Em *Blickwechsel*, que significa (em tradução livre) mudança de visão, vê-se que a narradora, já em um processo maduro de vida, dá um outro significado aos fatos ocorridos durante o regime totalitário de Hitler, embora não deixando de mostrar a visão de uma adolescente alemã, que viveu toda sua infância sob o sistema nazista exemplificando com essa “temática um assunto recorrente na literatura alemã do pós-guerra: a identidade social dos alemães. Com isso, traz à tona questionamentos em relação ao papel do sujeito na história de seu país” (Umbach, 2011, p. 32).

Christa Wolf se propõe a relatar, de forma ficcional, os acontecimentos históricos ocorridos no final da Segunda Guerra Mundial, na Alemanha, a partir de sua própria experiência e visão, dando sentido ao que lembra e ao que vai começar a narrar. Os vestígios resgatados, pela memória da narradora, são anunciados já no primeiro tópico frasal para informar a inconsistência das lembranças. O verbo usado para isso é “esquecer”, situando que essas lembranças são retomadas de forma falha, embora faça questão, também, de deixar claro que, para outros momentos, os fatos lhe vêm nitidamente à mente. A intenção da narradora é justificar de antemão para o leitor que algumas lembranças podem vir com dificuldades, outras não:

Esqueci o que minha avó vestia quando a palavra terrível Ásia voltou a pô-la sobre as pernas. Por que foi ela a primeira a aparecer diante dos meus olhos eu não sei, enquanto esteve viva ela jamais se intrometeu. Conheço todos os seus vestidos: o marrom com a gola de crochê, que ela usava em todos os natais e aniversários da família, sua blusa de seda preta, seus aventais xadrezes e o casaco de tricô preto malhado que ela vestia no inverno, sentada junto ao fogão e estudando o Diário Geral de Landsberg (Wolf, 2004, p. 312).

Ainda que o esquecimento seja pontuado logo no início do conto, a narradora sabe que, de uma forma ou de outra, tudo deixa rastro na memória. O comando de resgatar as lembranças é apenas uma questão de acionar um botão: “Eu precisarei apenas dar a ordem de comando e já o mecanismo trabalharia e, como se fosse por si mesmo, tudo apareceria sobre o papel, uma sequência de imagens exata e bem visível” (Ibid, idem, p.306). Ou pelo menos deveria ser assim, só acionar um botão... Mas recordar pode ser difícil “... não depende apenas de uma data e de movimentos casuais das tropas aliadas quando alguém será libertado, mas também de certos movimentos difíceis e demorados dentro de si mesmo” (Ibid, idem, p. 306). Lembrar é uma ação de escolhas internas, daquilo que se quer rever, processar. Por isso a narrativa pode perder ou ganhar contornos importantes na reconstrução dos fatos.

A ficção tem a capacidade “de suscitar uma ilusão de presença, controlada porém pelo distanciamento crítico. Uma vez mais, cabe ao imaginário de representância ‘retratar’ colocando diante dos olhos” (Ricoeur, v. 3, 2019, p. 322). Por isso mesmo ela se torna importante para esses relatos únicos e que retratam, em especial, o horror produzido em determinado tempo, pois a ficção “dá ao narrador horrorizado olhos. Olhos para ver e para chorar” (Ibid, idem, p. 322). Wolf, enquanto escritora dessa história, marcada pelo horror da guerra, do nazismo, ficciona suas lembranças, para poder confessá-las:

... o céu lança sinistros fogos de artifício para acompanhar e eu ouço mais uma vez o ruído fino, com o qual o trem singelo da realidade sai dos trilhos e, numa velocidade selvagem, voa direto para a irreabilidade mais densa, mais inacreditável, de modo que uma risada cuja inconveniência eu sinto cortantemente, me cutuca (Wolf, 2004, p. 303).

(...)

A gente não precisa, necessariamente, sentir medo quando todos estão sentindo medo. Saber disso por certo é libertador, mas a libertação apenas chegou mais tarde e eu quero registrar o que minha memória me faz lembrar de hoje tudo aquilo (Ibid, idem, p. 308).

O passado também é colocado na perspectiva do “ter-sido”, pois é um tempo já decorrido e não se pode mais estar lá para verificar sua autenticidade. O imaginário se torna necessário para a representância do passado, “[...]o passado é o que eu teria visto, aquilo de que teria sido testemunha ocular se tivesse estado lá” (Ricoeur, v. 3, 2019, p. 317). O passado existiu, todavia, ao ser resgatado pelo imaginário, passa a ser uma imagem, pois “o imaginário é efetivamente uma imagem da realidade, mas imagem que interpreta a realidade, que a faz entrar em um universo de significações” (Charaudeau, 2018, p. 203). Na transfiguração da realidade para a imaginação o resgate do passado é feito e ressignificado. Os fatos são também hipotecados ao leitor que não presenciou, não foi testemunha ocular do que aconteceu, mas divide com a narradora, os sentimentos ali produzidos:

Depois de passarmos pelas últimas casas do povoado, subimos por uma estrada de areia. Ao lado de uma casa de camponeses vermelha, em estilo mecklemburguês, um soldado se lavava na bomba de água. Ele havia arregaçado as mangas de sua camisa branca, estava parado de pernas abertas e gritou para nós: o Führer está morto, como se grita: que belo dia, hoje. Mais do que a noção de que o homem dizia a verdade, chocou-me o tom com que ele a disse (Wolf, 2004, p. 309).

As lembranças do ambiente familiar também são evocadas para mostrar que viviam bem, felizes, acostumados e conformados com suas vidas tranquilas, como as das famílias que são desenhadas nos potes de conserva. A família da personagem-narradora não é perfeita, não sonha grandes feitos, não cobiça mais do que já tem, cantam sua tradição, vivem tranquilos em casa, igual a qualquer outra família da vizinhança. São descritos dentro de uma simplicidade natural, costumeira. Contudo, o tom irônico usado para descrever sua família permite entrevê o processo de mudança que a personagem começa a apresentar:

Só lamento não conseguir esclarecer a ninguém que não estou rindo de nós mesmos, deus me livre, logo de nós, pessoas sedentárias e ordeiras vivendo na casa de dois andares ao lado do álamo, igual aos bonecos de um teatro, visíveis como em potes de conserva; Mantje, Mantje, Timpetar, linguado lá no mar, a Ilsebill, ia muié, num qué assim, como eu qué. Mas nenhum de nós quis ser imperador ou até mesmo papa e muito menos o bom Deus; de todo satisfeito, um vendeu lá embaixo na loja, farinha e manteiga de banha e pepinos em conserva e café de malte (...) (Ibid, idem, p. 303).

E esse processo de mudança, anunciado pela narradora ao refletir sobre sua família “ordeira” pontua-se de forma interna quando percebe que já não é mais a mesma pessoa, que algo dentro dela está mudando e que nunca mais voltará a ser como antes. Essas mudanças, no entanto, não foram simples e nem prazerosas, elas simplesmente se impuseram:

A gente não se vê quando está mergulhada, dentro de si mesma, mas eu nos via a todos assim como nos vejo ainda hoje, como se alguém tivesse me arrancado para fora de minha casca e me posto ao lado dela com a ordem: Olhe! E foi isso que eu fiz, embora não sentisse prazer em fazê-lo (Ibid, idem, p. 303).

No decorrer da narrativa, a personagem continua a deixar evidente as mudanças pessoais sofridas. Os eventos presenciados, inevitavelmente, vão lhe modificando. A menina/adolescente transforma-se em um ser estranho. O mundo que ora lhe é apresentado oferece questionamentos difíceis de serem respondidos. As crenças, antes lhe impostas, não fazem mais sentido e estão sendo abandonadas rapidamente por todos em sua volta. Não só ela não é mais a mesma, como o próprio mundo também não o é. A personagem-narradora precisa dizer que essa mudança aconteceu e que foi independente de sua vontade:

Eu havia, no entanto, sonhado o sonho da infância pela última vez naquela noite (...). [...] Foi naquela manhã fria de janeiro, quando eu deixei minha cidade a toda pressa em direção a Küstrin sobre a carroceria de um carro de carga e quando tive de ficar admirada como aquela cidade, em que eu sempre encontrara toda a luz e todas as cores de que precisava, estava cinzenta. Então alguém disse dentro de mim, devagar e nitidamente: isso daí você jamais vai voltar a ver. Meu susto foi indescritível. Contra esse veredito não existia recurso. Tudo o que eu pude fazer foi manter comigo, fiel e leal, tudo aquilo que sabia, ver a maré alta e a maré baixa dos boatos e das esperanças crescer para depois voltar a desaparecer, sem dizer nada, e continuar fazendo tudo conforme eu o devia aos outros e dizer apenas aquilo que eles queriam ouvir de mim, mas o tipo estranho dentro de mim comeu à sua volta e cresceu e talvez chegasse a me faltar com o respeito, desobedecendo-me, aos poucos (Ibid, idem, p. 306).

As lacunas produzidas pela memória são grandes. É difícil narrar as experiências vividas, ainda mais as que são penosas de serem resgatadas. As lembranças não são mais tão nítidas, ou pelo menos não representam mais as emoções de quando foram produzidas. Benjamin (2012) diz que ao rememorarmos nossas vivências não nos

lembraremos exatamente o que vivemos, mas do tecido de nossas memórias, por isso que quanto mais os anos se passam, mais o passado fica distante e, aquilo que se sentia pode não representar, no momento da lembrança, o que já se sente, “até porque, no caso da autobiografia, ocorre uma reconstrução do passado baseada na memória, sendo que esta só pode ser evocada a partir do presente” (Umbach, 2011, p 310), e o presente já se encontra em um outro tempo. A narradora explica essas dificuldades das lembranças, de forma reflexiva:

[...]Contra o que no fundo esperava, teimei na questão da roupa que minha avó usava durante a viagem e a partir daí acabei no sujeito estranho que um dia havia me transformado em si mesmo e ora já voltou a ser um outro e fala outras sentenças, e finalmente tenho de satisfazer com o fato de que a sequência de imagens não dá em nada; a recordação não é nenhum álbum Leporello e não depende apenas de uma data e de movimentos casuais das tropas aliadas quando alguém é libertado, mas também de certos movimentos difíceis e demorados no interior de si mesmo. E o tempo, quando extingue motivos, também acrescenta novos sem parar e torna a nomeação de uma hora determinada ainda mais difícil [...] (Wolf, 2004, p. 306).

Essa hora determinada para o resgate das memórias é denunciada como sendo a mais difícil em toda a narrativa de Troca de olhares. A percepção acerca dos horrores do nazismo, aqueles que só com o tempo conseguiu-se lembrar, é colocada a partir do olhar de uma adolescente, nascida dentro do contexto ideológico nazista, onde ela, sua família, vizinhos, amigos estavam inseridos e conviviam tranquilamente.

(...) o nazismo foi uma ideologia perfeita que se consubstanciou de forma espetacular durante seu período de vigência pela habilidade com que seus arquitetos souberam conduzir uma quantidade de variáveis que obliterou a consciência de algo mais profundo do que ele mesmo por parte daqueles não foram diretamente atingidos por suas lógicas de violência – grupo no qual se inclui uma boa parte dos alemães de então, e da imensa maioria dos estrangeiros (Souza, 2020, p. 49).

É importante para a narradora referir-se aos fatos sem deixar de lado esse olhar, esse lugar de cidadã alemã que testemunha a presença perturbadora do outro. Souza observa, sobre o comportamento da comunidade alemã em relação às crueldades do nazismo, que é difícil mensurar “entre os alheios aqueles que realmente ignoravam o que ocorria e aqueles a quem a ignorância funcionou como estilo de convivência hipócrita e, em certos casos, mesmo como estratégia de sobrevivência no calor dos acontecimentos” (Souza, 2020, p. 49). Saber da existência do outro torna-se assustador, mais assustador, ainda, é ter que vê-lo. Wolf, no trecho abaixo, sugere como o contato visual pode refletir as mais diversas dinâmicas de poder, intimidade, medo e alienação:

Os presos dos campos de concentração não se atiraram sobre o pão, mas sobre os fuzis nas valas das estradas. Eles se sobrecarregaram com eles, atravessaram, sem nos dar atenção, a estrada, escalaram o barranco um pouco além e tomaram posição lá em cima, o fuzil pronto para o ataque. Em silêncio eles olhavam para nós, embaixo. Não resisti e olhei para eles. Que gritem, pensei, ou atirem para o alto, ou sobre nós, por Deus do céu! Mas eles estavam parados quietos em seus lugares, eu via que alguns cambaleavam e que eles mal conseguiram se obrigar a manter o fuzil no alto e ficar em pé. Talvez eles tivessem desejado durante dias e noite. Eu não podia ajuda-los, eles também não podiam ajudar a mim, eu não os entendia e não precisava deles e tudo neles me era estranho, de cabo a rabo (Wolf, 2004, p. 310).

Ricoeur diz que “o papel da ficção nessa memória do horrível, é um colorário da capacidade que o horror, assim como a admiração, tem de se dirigir a acontecimentos cuja unicidade expressa é importante” (Ricoeur, v. 3, 2019, p. 321). Os horrores testemunhados em algum momento terão que ser lembrados, confessados, admitidos, mesmo por aqueles que acreditavam estar do outro lado da história, por aqueles que não se achavam diretamente responsáveis pelo horror. Embora a personagem-narradora, e os que estavam ao seu lado, não tenham praticado as barbaridades do nazismo, sabiam que elas aconteciam e nada fizeram:

Então, nós vimos os presos dos campos de concentração. Como um fantasma, o boato de que eles eram tangidos atrás de nós, os de Oranienburg, pesava-nos sobre as costas, a suspeita de que nós também fugíamos deles não me veio à cabeça na época. Eles estavam parados às margens da floresta e espiavam medrosos em nossa direção. Nós poderíamos ter lhes dado um sinal de que não havia perigo no ar, mas ninguém o fez. Eles se aproximavam da estrada cautelosos. Eram diferentes de todas as outras pessoas que eu havia visto até aquele momento e o fato de termos nos desviado involuntariamente deles não me surpreendeu. Mas esse desviar-se também nos denunciava, demonstrava, apesar de tudo, o que nós não dizíamos uns aos outros, nem a nós mesmos: nós sabíamos de tudo. Todos nós, nós os infelizes, que havíamos sido expulsos de nossos bens e haveres, de nossas propriedades (...) com o quadro do Führer na parede... nós sabíamos: aqueles ali, que haviam sido qualificados de animais e agora se aproximavam vagarosamente de nós a fim de se vingar... nós o havíamos abandonado à sua própria sorte. [...] (Wolf, 2004, p. 310).

Troca de olhares tem esse papel de tornar o acontecido na Alemanha – durante a Segunda Guerra Mundial, que culminou com a morte de milhares de pessoas – como incomparavelmente único. É mais do que uma narrativa sobre os fatos dos últimos meses da Segunda Guerra Mundial, é um relato sensível, de uma escritora alemã que, como poucas, conseguiu dizer ao leitor, o lado vergonhoso da história de seu país, não para se eximir de alguma culpa, mas exatamente para que os acontecimentos fiquem marcados em uma comunidade histórica e que possam ser vistos como uma origem ou uma volta às origens, aqui para lembrar o que Ricoeur diz sobre a explicação histórica dos eventos pelo horror (Ricoeur, v. 3, 2019). Wolf não se exclui dessa história, ao contrário, deixa claro esse seu lado e de grande parte dos alemães, nesse período nazista:

E muito menos vontade ainda eu tinha de conversar com o prisioneiro do campo de concentração, que à noite se sentou conosco junto ao fogo, que usava uns óculos de arame retorcido e disse assim, no mais a escandalosa palavra comunista, como se fosse uma palavra cotidiana permitida, assim

como ódio e guerra e aniquilação. Não. E menos de tudo eu queria saber do luto e da consternação com os quais ele nos perguntou: gostaria de saber onde foi que vocês viveram durante esses anos todos... (Wolf, 2004, p. 312).

Em Troca de olhares, os acontecimentos são resgatados da memória da personagem-narradora e colocados diante dos olhos do leitor, depois de decorridos 25 anos, por meio de um tempo refigurado pelo imaginário, tornando-se dessa forma, uma possível realidade daquilo que poderia ter-sido. Wolf, ao narrar esses acontecimentos de forma ficcional evidencia que o tempo ressignifica os sentimentos.

A ficção, quando se põe a serviço do inesquecível, daquilo que a memória resgata, por meio do imaginário, para descrever aquilo que se quer que se pareça mais próximo da realidade, é uma tentativa honesta de narrar os fatos passados sem deixar de lado os sentimentos que foram se moldando ao longo do tempo.

Retomando ao pensamento do escritor Didi-Huberman, autor da epígrafe inicial deste trabalho, refletimos que as sobrevivências resistiram e resistem ao longo da história, ninguém pode declarar a sua morte, “apesar de tudo, apesar do todo da máquina, apesar da escuridão da noite, apesar dos projetores ferozes (...)” (Didi-Huberman, 2011, p. 47).

REFERÊNCIA

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Ensaios Sobre Literatura e História da Cultura - Volume 1. São Paulo: Editora brasileira, 2012.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória** – ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução de Fabiana Komesu e Dílson Ferreira da Cruz. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Minas Gerais: Editora UFMG, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo, Perspectiva, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Allan François [et all]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Volume 3 – o Tempo Narrado. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 4ª tiragem, 2019.

SOUZA, Ricardo Timm. **Ética do escrever**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2018.

SOUZA, Ricardo Timm. **Crítica da razão idolátrica**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2020.

UMBACH, Rosani Ketzer. **Violência e Memória na Produção Cultural** – o autoritarismo na Alemanha e no Brasil. Rio Grande do Sul: PPGL UFSM, 2011.

WOLF, Christa. Troca de Olhares. In BACKES, Marcelo e RENNEN, Rolf (org). **Escombros e Caprichos**. O melhor do conto alemão no século 20. Tradução de Marcelo Backes. Porto Alegre: 2004.

Contribuição de Autoria

1 – Conceição de Maria Corrêa Feitosa

Doutora em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS; Professora da Rede Pública do Estado do Maranhão.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

<https://orcid.org/0009-0003-8354-7473> • conceicaorabelofeitosa@gmail.com

Contribuição: Investigação, Escrita - primeira redação.

Conflito de Interesses

A autora declarou não haver conflito de interesses.

Direitos Autorais

Os autores dos artigos publicados pela Lit&Aut/UFSM mantêm os direitos autorais de seus trabalhos.

Verificação de Plágio

A Lit&Aut/UFSM mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como por exemplo: Turnitin.

Editora-chefe

Rosani Ketzer Umbach

Como citar este artigo

FEITOSA, C. M. C. Quando a ficção se põe a serviço do inesquecível: Uma leitura do conto Troca de Olhares, de Christa Wolf. **Literatura e Autoritarismo**, n. 44, e89092, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5902/1679849X89092>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/89092>. Acesso em: xx/xx/xxxx.